

# AS BRASILIENSES

## A 1ª geração da capital

### faz um balanço de sua vida

Em 1968, dois pesquisadores norte-americanos, Gerald Patterson e Elisabeth Gullion, estiveram em Brasília estudando a vida das crianças na nova cidade e escolheram três meninas para serem a capa de seu livro, resultado da pesquisa: **Convivendo Com as Crianças**. As meninas eram Elisabete, Eloísa e Elena, filhas do jornalista Ezio Pires e da professora Leda Gurgel Pires. Hoje, 15 anos depois, as três meninas transformaram-se em três mocas (Elisabete já é casada, com um filho de quatro anos), com ampla participação na vida cultural da cidade e opiniões formadas sobre Brasília, já que são brasilienses legítimas. Quais eram os sonhos dessas brasilienses no início de sua adolescência? Como cresceram com a cidade? O que elas acham de Brasília atualmente? Bete, Lolô e Leninha, como são conhecidas, mostram-se totalmente confiantes em sua cidade e dizem, como brasilienses natas, o que esperam da vida na capital, falando muito do que já fizeram durante todos esses últimos anos.

MARIA DO ROSARIO CAETANO  
Repórter Especial

Passados 15 anos da publicação de **Convivendo Com as Crianças** pela Editora Coordenda, fomos ver o que está se passando com as "meninas da capa do livro".

Bete tornou-se a senhora Elisabete Gurgel Pires Neves, ao casar-se com Joab Teixeira das Neves, e é mãe de André, um garoto de quatro anos. No final de dezembro, será mãe de seu segundo filho. Se for homem, o nome ainda não está escolhido. Se for mulher, será Janaina.

Bete nasceu em fevereiro de 1962. O mês talvez explique sua paixão pelo carnaval. Ela garante que se o filho nascer, até no máximo, primeira quinzena de janeiro, no mês seguinte, ela estará firme, no Bloco do Pacotão, como animada foliã.

Elisabete cursou o jardim de infância e o primeiro grau numa escola de superquadra. O segundo grau foi feito no Pré-Universitário, então "um colégio muito bom, que desenvolvia experiências muito interessantes". Concluído o segundo grau, Bete foi estudar Direito no Ceub. O curso está interrompido, mas

ela deverá concluí-lo, depois que nascer o segundo filho.

Bete gosta muito de Brasília. Acha a cidade "maravilhosa principalmente para as crianças". Ela conta que recentemente, em férias no Rio de Janeiro, com o filho André, "ficou assustada com a falta de espaços de lazer para as crianças". Brasília, porém, tem um problema sério, na sua opinião: "As distâncias. Aqui, tudo é distante. Quem não tem carro, sofre muito, pois o serviço de transporte coletivo é deficiente". Fã apaixonada de Chico Buarque, Bete gosta de samba, MPB e de ler poesia, preferencialmente lírica. "Na adolescência li muito Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, entre outros".

Ao analisar sua geração, Elisabete externa uma opinião curiosa:

— Brasília, ciclicamente, tem seus modismos. Na minha época, a moda era casar grávida. Quando retornávamos das férias, no Pré-Universitário, fazíamos o levantamento das meninas que voltavam grávidas. Tínhamos entre 16 e 18 anos. Muitas se casaram às pressas, para dar satisfação à família. Hoje, estão separadas ou vivendo casamentos desajustados. As poucas que assumiram a maternidade, solteiras, estão numa muito melhor".

Com o passar dos anos, Bete detecta novo ciclo: "O do aborto". Hoje, diz ela, "as mocas que se engravidam solteiras, preferem abortar, pois já não sonham, como nós, com uma "love story". Naquele tempo, matávamos aula no Pré, para ficar no pátio do colégio, tocando violão e falando de namorados, engravidamentos, e fazendo planos para o futuro".

Elisabete acha que hoje, as amigas, em Brasília, são mais sólidas, pois a população já assume postura nativista, e começa a gostar da cidade. "No meu tempo de criança e adolescente, nossas rodas de amigos eram muito instáveis. Conhecíamos um colega novo, fazíamos amizade. Alguns dias depois, o pai dele era transferido. Tínhamos que estar, constantemente, renovando nossas amizades".

André, o filho de Bete, e o novo que está para nascer, certamente viverão numa cidade mais sólida. Bete acredita nisto.

#### AS MINISTÉRICAS

Eloísa e Elena, ao contrário

de Bete, que optou pela vida doméstica, gostam de agitação cultural. Lolô é aluna de Artes Plásticas, na Escola Dulcina, e Leninha é aluna de Artes Cênicas, na mesma faculdade. Ambas são professoras do Cresça, Centro de Realização Criadora.

Na virada para os anos 80, quando explodiram em Brasília movimentos nativistas como o Cuca (Movimento Candango de Dinamização Cultural) e a Galeria Cabeças, Lolô e Leninha viveram uma experiência "sui generis". Com Teresa Rollemberg e Mercedes Alvim, elas formaram um quarteto de dançarinas chamado **As Ministéricas**.

O quarteto coreografava números de dança para apresentar durante os Concertos Cabeça ao Ar Livre, realizados nas superquadras e no Parque da Cidade. A música preferida do grupo dizia "Eu sou rebelde/ porque o mundo quis assim". Nos Concertos, elas dançavam conforme a música. Chegavam a seu ponto de destaque, porém, quando se movimentavam ao som de Renato Mattos, o compositor baiano-candango que fez de Brasília tema da maior parte de suas canções. São dele, sucessos como "Um telefone é muito pouco/ pra quem ama como um louco/ e mora no Plano Piloto", **Grande Circular** e **Chorinho do Beirute**.

Juntas, as quatro Ministéricas participaram do show-manifesto — **Progressália** — realizado no Teatro Galpão. Leninha define o espírito do grupo como "resultado de uma maneira de pensar e agir das adolescentes de então: Assumíamos um comportamento centrado na tietagem, éramos garotas que queriam ser tietes, cantando e dançando".

Paralelo ao trabalho das Ministéricas, Leninha atuava no Esquadrão da Vida, grupo de intervenção teatral na rua, baseado em acrobacias e palhaçadas, e coordenado por Ary Pararaios. Algum tempo depois veio o Idéia Colorida, equipe de animação cultural que se formava com Cláudia Leal, Maria Alice, Teresa Rollemberg, Mercedes Alvim, Leninha, entre outros. O grupo se apresentava em asilos, orfanatos e escolas, contratado pela Legião Brasileira de Assistência (LBA).

Nesta época, Leninha se encontrou com um grupo teatral, remanescente do Pré-Universitário e dirigido por Guilherme Reis, que havia montado



Lolô, Leninha e Bete,  
a primeira geração  
fala de sua vida

a peça **A Revolução dos Bichos**, adaptação infanto-juvenil do clássico de George Orwell. A equipe, então denominada Grupo Cabeças, estava remontando o espetáculo. Leninha foi convidada a participar. A peça explodiu. Fez enorme sucesso no Teatro Galpão, permanecendo várias semanas em cartaz. Nesta época, Leninha começou a namorar o ator Aloisio Mendes, o Batata, intérprete do porco Napoleão, em **A Revolução dos Bichos**. O namoro dura até hoje. Aloisio é considerado um dos maiores talentos cômicos de

Brasília. Ele foi personagem do filme **O Sonho Não Acabou**, de Sérgio Rezende, onde interpretou o personagem SQI, revivendo um episódio semelhante ao Caso Ana Lídia.

No show-manifesto **Progressália**, Aloisio apresentou uma performance das mais engraçadas. Além dele, lembra Leninha, o espetáculo contou com a participação de poetas da Lira Pau-Brasília (Turiba, Chacal, Nicholas Behr, entre outros); do trabalho visual de Eutrico; do pintor dos céus de Brasília; e de Paulinho Andra-



Brasília, 20 de novembro de 1983  
Suplemento diário do CORREIO BRAZILIENSE  
Não pode ser vendido separadamente

de; o som de Aristides Mendes, ex-Banda Ney Matogrosso; Nélio Lúcio, coordenador da Galeria Cabeça, e outros mais. Desta vez, Lolô, Leninha, Teresa e Mercedes se apresentaram ao lado de Lúcio Tu ribio. As Ministéricas — o nome foi dado pelo poeta Nicholas Behr — tentavam, assim, aprofundar na proposta do grupo: cada uma delas representaria um determinado Ministério, satirizando a política nacional. Leninha lembra, porém, que o grupo não levou sua proposta às últimas consequências. Mercedes Alvim foi-se embora para São Paulo, com o grupo Pitu; Teresa casou-se e mudou, também, para São Paulo. Na cidade, ficaram Lolô e Leninha.

Hoje, enquanto Lolô estuda artes plásticas, pinta seus quadros e discute arte com o namorado Petit (Pedro de Andrade Alvim), também artista plástico, Leninha se dedica ao Circo U-De-Grude. O Circo é o resultado da fusão do Idéia Colorida com o grupo Agir, de Belém do Pará, que veio para Brasília com a atriz Jeanne Marie. Hoje, além de animação cultural em festas, o U-De-Grude apresenta espetáculos nos teatros da cidade. Nesta trupe de animadores culturais Leninha interpreta o personagem Lesminha.

No primeiro semestre deste ano, Elena participou da peça **Besame Mucho**, de Mário Prata, dirigida por Hugo Rodas. No dia nove de dezembro próximo, ela estreia no Teatro Galpão, com dezenas de outros atores, na peça **Super-Zé**, sob a direção de Dácio Lima, que regressou de Paris, onde fez cursos de especialização teatral. O espetáculo fará temporada, também, na sala Martins Penna. Sua temporada se encerrará no dia 24, véspera de Natal.

Lolô e Leninha estão entusiasmadas com o trabalho que desenvolvem no Cresça (Centro de Realização Criadora) escola de arte, dirigida por Ailema Bianchetti e Maria do Socorro Carvalho, esposas de dois artistas dos mais importantes da cidade: Glênio Bianchetti e Vladimir Carvalho. Lá, elas trabalham com a educação artística de crianças. No fim dos anos 70, Leninha e Lolô fizeram cursos de Polígrafos, do trabalho visual de Eutrico; do trabalho dos céus de Brasília; e de Paulinho Andra-